

inCantare

Esta obra foi licenciada com uma licença Creative Commons



Narrativa da história de vida de uma Musicoterapeuta precursora da profissão no Brasil: Além do Musicoterapeuta

Diego Azevedo Godoy¹

RESUMO - O presente artigo tem como intenção contribuir com os estudos da Musicoterapia no âmbito da identidade, ao apresentar a entrevista semiestruturada de narrativa de história de vida utilizada na dissertação de mestrado Além do Musicoterapeuta - Um estudo sobre a identidade do Musicoterapeuta e seu reconhecimento, fundamentada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Os objetivos foram os de: estudar os processos de metamorfose e os movimentos emancipatórios; compreender a constituição e o desenvolvimento da identidade profissional do Musicoterapeuta e seus possíveis movimentos dialéticos de regulação / emancipação, utilizando-se do conceito de identidade de Ciampa e os pressupostos de estudo do Núcleo de estudos (NEPIM).

12

Palavras chave - Identidade. Musicoterapia. Reconhecimento.

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (2011), e especialização em Musicoterapia pela FMU (2013). Tem experiência na área de Psicologia Social - Abrigo de menores, modalidade de Acolhimento Institucional que atende a crianças e adolescentes em grupo e em regime integral. Trabalha com atendimento clínico. Estuda as áreas de Educação Musical e Musicoterapia, Organizacional, Hospitalar e Clínica, sendo esta última a categoria em que também exerce profissionalmente. Mestre no ano de 2015 em Psicologia Social pela PUC-SP, integrante do núcleo de estudos e pesquisas sobre Identidade-metamorfose (NEPIM) com o Professor Dr. Antônio da Costa Ciampa. E-mail: diegogodoy@hotmail.com.br. Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/4733707724174541>

Número CAAE Plataforma Brasil: 34706214.5.0000.5482

Life story narrative of a music therapist who is a precursor of the profession in Brazil: beyond the music therapist

Diego Azevedo Godoy¹

ABSTRACT - *This article aims to contribute to the music therapy studies on identity by presenting a semi-structured life history narrative interview used in the Master's thesis *Beyond the Music therapist - A study on the identity of the music therapist and its recognition*, in which the syntagma Identity-Metamorphosis-Emancipation was assumed as theoretical basis. The objectives were: to study the processes of metamorphosis and emancipatory movements, to understand the formation and development of the professional identity of the music therapist and its dialectical movements of regulation / emancipation, using Ciampa's concept of identity and the theoretical assumptions of the Nucleus of Study and Research in Identity Metamorphosis (NEPIM).*

Keywords - *Identity. Music therapy. Recognition.*

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (2011), e especialização em Musicoterapia pela FMU (2013). Tem experiência na área de Psicologia Social - Abrigo de menores, modalidade de Acolhimento Institucional que atende a crianças e adolescentes em grupo e em regime integral. Trabalha com atendimento clínico. Estuda as áreas de Educação Musical e Musicoterapia, Organizacional, Hospitalar e Clínica, sendo esta última a categoria em que também exerce profissionalmente. Mestre no ano de 2015 em Psicologia Social pela PUC-SP, integrante do núcleo de estudos e pesquisas sobre Identidade-metamorfose (NEPIM) com o Professor Dr. Antônio da Costa Ciampa. E-mail: diegogodoy@hotmail.com.br. Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/4733707724174541>

Número CAAE Plataforma Brasil: 34706214.5.0000.5482

A História de Lorena, a Identidade de uma Musicoterapeuta

Este artigo, parte da dissertação defendida em 2015 pelo programa de Psicologia Social no núcleo de Estudos e Pesquisa em Identidade Metamorfose, (NEPIM) na PUC-SP, não tem como intenção explicar a metodologia utilizada no trabalho (para isto deve-se acessar a pesquisa completa). Neste texto, compartilharemos a entrevista semiestruturada da narrativa de história de vida que se desenvolveu dentro das condições do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e da Plataforma Brasil, tendo por prioridade ética a intenção de assegurar o sigilo e a identidade verdadeira do profissional entrevistado. Portanto o pseudônimo utilizado nesta entrevista é o nome de Lorena.

Lorena é uma profissional da Musicoterapia com muitos anos de carreira, atualmente ela se encontra em uma fase de sua vida (se é que podemos chamar de uma fase avançada, a 3ª idade) ainda trabalhando, após muito conquistar na profissão e também na academia científica. Ela aceitou então, o convite para participar desta pesquisa, com muito interesse e entusiasmo.

A história de vida é fundamental para podermos compreender a identidade da pessoa que a narra, para identificarmos as fases de desenvolvimento, seus personagens e papéis, seus movimentos de metamorfoses e fragmentos de emancipação. Ao analisar a entrevista, avaliamos através da história de vida o sentido que ela tem hoje para o autor que a conta, ou seja, quando ele passa a narrar sua história, ele passa a construí-la novamente através do seu presente momento, resignificando o que viveu em suas experiências.

Ao ter como objetivo estudar a identidade profissional, a narrativa da história de vida foi direcionada para o foco mais relevante, a história de vida profissional, isto significa que, aspectos de sua história de vida que estejam relacionados diretamente com sua história de vida profissional, são os aspectos que vinculam maior atenção nesta análise, identificando elementos que apresentem conexão com a identidade profissional e contribuam para a reflexão acerca da ordem do reconhecimento na história de vida profissional deste Musicoterapeuta.

Através da pergunta feita por mim: “Quem é você?”, Lorena começa então a narrar e a contar sua história de vida.

Como ponto inicial ela relata uma época em que tinha seis anos de idade, era por volta dos anos sessenta, em um contexto cultural onde as meninas

normalmente eram obrigadas pelos pais a fazer alguma atividade relacionada à música ou a dança, no caso dela a mãe impôs a atividade que seriam as aulas de balé. Lorena como não gostava, sempre inventava dores na perna para fugir da atividade, após fingir esse comportamento por um determinado tempo resolve um dia ter um diálogo com sua mãe, que compreendendo o desejo da filha acaba realizando sua matrícula em um conservatório para estudar piano clássico.

A situação financeira da família era complicada e apesar do pai ser gerente de banco, não possuía condições para comprar o piano inicialmente.

Ao perceber que o conservatório não era o caminho, a mãe de Lorena a muda de escola e começa a reconhecer a determinação da filha ao interagir e estudar o instrumento. Após algum tempo os pais conseguem comprar um piano para ela e fazem uma surpresa. Lorena relata a vivência que teve naquele momento da seguinte forma:

“Eu tive um treco, aí comecei a tremer, entrei em parafuso, enfim foi a maior alegria da minha vida, hoje com 62 anos eu me lembro do dia que eu ganhei o piano, foi uma coisa maravilhosa.”

Daí pra frente Lorena se joga nos estudos do piano de uma forma muito prazerosa, com sua nova professora, que era muito especial para ela, nos relata a sua experiência:

”Por que na minha época, você tem que se transportar pra sessenta, setenta, tudo que você errava no piano ou em qualquer instrumento você levava chinelada, palmatória na mão, reguada. Ela não, ela parava me pegava na mão e falava – ‘hoje você está triste’ - e eu realmente estava, quatorze, quinze anos de idade, aquela fase de adolescência, minha mãe era muito repressiva ao mesmo tempo que ela me dava ela cobrava. Ela [a Prof.] me pegava no pulso assim e me dizia – ‘você está triste hoje não tá?’ - e eu, - ‘não num tô’ e a lágrima escorrendo, - daí ela falava - ‘não vou te dar aula, mas também não vou cobrar, você vai ficar aqui, eu vou fechar a porta e você vai tocar a sua tristeza’ - fechava a porta e me deixava uma hora, duas horas e eu arrebatava com o piano entendeu? Aquilo pra mim era assim a maravilha dos deuses eu saía de lá..., você imagina isso uma professora na década de sessenta fazer.”

Lorena faz uma interrupção na sua história, muda a dinâmica da narração e começa a falar um pouco sobre a prática e o método de atuação da Musicoterapia, passa a explicar sobre a profissão e falar um pouco sobre o que o Musicoterapeuta faz, apresentando alguns aspectos e fundamentos da relação musicoterapêutica e como são aplicados.

“Mas aquilo pra mim era uma coisa que eu carreguei e carrego até hoje, é exatamente o princípio de ISO que a gente usa em Musicoterapia, o conteúdo emocional que você tem naquele momento naquela fase de vida você tem que expressar de alguma forma, como que você vai expressar aquilo se o seu terapeuta, ou seu professor, ou seu psicólogo, ou seu amigo não der abertura para que você se expresse e impõe de fora pra dentro. Então o que tem de legal na Musicoterapia, é exatamente o princípio que o Benenson faz a gente utilizar, na metodologia dele, parta da pessoa, conteúdo dele é aquilo que vai te guiar pra frente, agora depois você vai organizar sua metodologia, não é que é qualquer coisa né, então se você faz a abertura do ritmo da pessoa, da expressão melódica, do corpo dessa pessoa, do modo como essa pessoa usa a voz, você tem uma noção de quem é essa pessoa musicalmente, ora, se você conseguiu entrar no mundo sonoro dessa pessoa você vai conseguir transformar essa pessoa, porque essa pessoa vai tá nas suas mãos entre aspas, ou seja, você vai conseguir mudanças com ela, se você tivesse usado o oposto você não conseguiria, entende o que eu tô falando? É subjetivo demais, mas você sente aquele paciente, sente aquela pessoa do jeito que ela é, quando ela vai expressar aquilo que ela é, isso é o início da terapia, daí pra frente você é responsável pela metodologia que vai utilizar, não é qualquer coisa você sempre vai ter um objetivo claro na sessão do que você vai querer alcançar com essa pessoa, mas você partiu dela, você não trouxe estratégias de fora pra dentro e impôs.”

Logo retoma a sua história trazendo para a conexão de sua fala, a explicação.

16

“Por que que eu tô dizendo tudo isso? Porque isso casou com a Musicoterapia mais tarde, essa forma de eu vivenciar em mim desde criança quem eu era musicalmente e quais as emoções que eu precisava extravasar através da música, ela me deu essa possibilidade, essa professora, então fez isso pra mim, foi muito importante, é como se isso tivesse me preparado internamente pra tentar entender meu paciente de hoje, você entende? Isso me deu subsídio.”

Atribuindo então uma ligação entre a prática e a forma que tocava piano em sua infância e a prática e a forma de sua atuação na profissão, um aspecto de sua identidade individual (papel individual na infância/estudante), que se relaciona com sua identidade coletiva (papel coletivo adulto/trabalho).

Durante todos esses anos de infância e adolescência Lorena estudou piano e se dedicou musicalmente nas leituras, estudos e praticas. Aos dezessete anos de idade o pai dela recebeu uma oferta de emprego como gerente de um banco no Rio de Janeiro e assim a família muda-se de São Paulo para a cidade litorânea.

Lorena começou a trabalhar como escriturária e depois de um tempo ela recebeu uma ligação de sua antiga professora de piano, relatando a abertura de um curso de Musicoterapia no Rio de Janeiro.

“[Professora] – Oi Lorena tudo bem? Como que estão as coisas aí no Rio de Janeiro? – [Lorena] – Ah, eu to bem, to trabalhando no [nome da instituição], to gostando, mais ou menos porque é meio burocrático, não gosto muito disso, mas tudo bem, né. [Professora] – Eu to te telefonando porque aí no Rio de Janeiro no [nome da instituição] vai abrir um curso de Musicoterapia, um curso técnico, um curso de dois anos, [Lorena] – Musicoterapia? [Professora] – É exatamente, o que fala que aqui que é curso de Musicoterapia, isso tem tudo a ver com você...”

Narrando este momento Lorena diz o quanto ela queria trabalhar com a música junto aos outros, sem a intenção de se isolar com o instrumento e ser uma instrumentista, mas sim usar a música interagindo com as pessoas de uma forma não somente artística. É como se este curso chegasse no momento certo de sua vida.

“Porque eu sempre quis aliar aquele estudo de piano às pessoas, porque o que que acontece com o pianista, eu cheguei a tocar em orquestra e tudo mais, o que acontece com o pianista que toca em orquestra ou que se apresenta e tal, ele toca pra ele mesmo e ele é isoladíssimo, é ele e o piano, é como se o piano fosse o corpo dele sabe, fosse uma continuidade tão ligada a ele que não precisa de mais ninguém, então não existe um relacionamento social só existe ele e o piano e era o que tava acontecendo comigo, cada vez mais eu tava me enfiando dentro de mim mesma com a história do piano e eu comentava isso com ela. [Lorena] - dona [nome da professora], eu observo que as pessoas se emocionam, eu observo

que as crianças quando marcham elas conseguem um ritmo mais regular, quando a gente é percute um tambor, coisa do tipo né. E ela então sabia disso, quando abriu o curso de Musicoterapia no Rio de Janeiro em 1971, ela me ligou e falou, - faz a matrícula, você vai gostar desse curso, um curso técnico de dois anos, - ok.”

Lorena procurou então o curso de Musicoterapia em 1972 na pós-graduação contra a vontade de todos da família. Após passar por uma seleção rigorosa ela fez uma prova e foi avaliada de uma forma inusitada, durante o exame ela estava nervosa e todos estavam apresentando uma peça musical toda estudada e ensaiada, porém quando Lorena chegou com a partitura na mão e sentou no piano, os professores da banca não quiseram que ela tocasse uma música planejada e uma delas falou:

“... Não, não, não, a gente não quer que você toque porque a gente está cansado de ouvir músicas tocadas, faz o que você quiser no piano.”

Logo ela começou a improvisar e tocar o que estava sentindo, acostumada a fazer isso com sua professora de música, tocando seus sentimentos, conduziu facilmente a peça improvisando no piano, obtendo o reconhecimento que precisava dos professores e sua merecida aprovação, com o seguinte argumento da banca:

“Era isso que a gente queria de um Musicoterapeuta em termos de música.”

Lorena sempre pontua a questão de que o Musicoterapeuta não é um músico instrumentista e compositor, ele trabalha com a música interagindo com o paciente, utilizando elementos da música para abrir canais de comunicação, para se relacionar e para se vincular com seu paciente.

“Mas o fundamento da essência do trabalho é você sentir seu paciente e permitir com que ele entre no seu mundo e você entre no mundo dele. Quando eu falo mundo é o mundo interno sonoro-musical são os elementos sonoros presente nele. Que elementos são esses? A forma como ele anda, o ritmo do andar,

o ritmo do falar, a entonação da voz, como ele te chama, como ele se comporta corporalmente, o que ele pega, como ele pega o instrumento musical, de que forma ele age com esse instrumento, de que forma ele utiliza a voz dele, esses elementos que são pré-linguagem, para-linguagem, não são a linguagem propriamente dita da palavra, são os elementos que antecedem essa palavra, por isso que quando uma cara fala: 'Ah, mas fulano está com a afazia e você não trabalha a palavra', não..., mas eu trabalho a palavra, só que eu trabalho a palavra musical."

Lorena faz uma breve comparação para explicar melhor.

"Se fizermos um paralelo, você pega a alfabetização, aí o fulano está pronto pra ser alfabetizado, o que que significa isso? Significa que o cara sabe mais ou menos o que é direita e esquerda, significa que ele se coloca nesse espaço sabe que 'lá' tem uma parede ele não vai além daquilo, significa que ele tem um aspecto motor bom pra pegar um lápis e escrever, quer dizer, sabe o que é atrás e a frente, em cima e embaixo, acima abaixo, do lado, lateralidade, são aspectos que compõe o que são necessários pra que ele aprenda a escrever e ler. Na música é a mesma coisa, são aspectos que a gente tem que desenvolver. Por exemplo na questão da linguagem falada que antecedem a linguagem falada, que vem antes, por isso que a gente não aparece muito, por que isso não aparece, isso compõe lá dentro o ser no íntimo dele e você vai desenvolvendo coisas que aparentemente são simples, mas que não são simples."

Ela coloca a questão de que a Musicoterapia é muito difícil de ser compreendida, de ser realmente entendida em sua essência, pois isso só é possível através da prática e não somente da dimensão teórica.

"Para você entender você tem que vivenciar, não adianta você ler 30 livros do Bruscia, do Benenzon disso, daquilo, daquele outro, não adianta você tem que vivenciar."

Quando Lorena entrou no curso técnico em Musicoterapia de 1971 o planejamento era de um ano de carga curricular, mas foi estendido para dois, logo o curso passou por reformulações e se tornou uma graduação em Musicoterapia. Já no final de seu curso ela inicia sua carreira por prazer atendendo sem remuneração, a mãe de Lorena era contra, mas o pai a apoiava em seus estudos e suas escolhas. Diz ela em um momento:

“Meu pai bancava pra mim, nesta época estávamos melhor financeiramente, me dava tudo que eu queria, minha mãe era super contra, minha mãe foi na secretaria rodar a baiana com [nome da pessoa], pra me tirar porque ela era totalmente contra e meu pai era o oposto, eu chegava ‘pai tô precisando de um dicionário médico’ - ‘ah, [apelido carinhoso] quanto custa o dicionário?’ – ‘a x reais, x cruzeiros né’, - ‘ah, toma compra, compra, depois eu me viro’. Era bem assim eu tinha tudo que eu queria, máquina de fotografia pra documentar os pacientes e tudo mais.”

Só depois de um tempo, quando Lorena começou a ser chamada para eventos onde ela trocava as experiências de pacientes da [nome da instituição] com deficiência mental e de pacientes da [nome da instituição] com deficiência física, passou a ser reconhecida, sendo então convidada a participar dos eventos científicos e acadêmicos. Lorena conta que sua mãe acaba aceitando mais a carreira e a escolha da filha.

“Aí ela começou a gostar, ‘minha filha subindo no palco né’ tudo que ela queria na vida era me ver subindo em um palco.”

Em 1977 Lorena casou-se com um paulista e foi embora do Rio de Janeiro, largou tudo que estava começando na cidade litorânea e deu início a uma outra fase de sua vida em São Paulo, passou por uma escolha um pouco sofrida, pois tudo o que era relacionado à Musicoterapia estava acontecendo no Rio de Janeiro desde o início dos anos setenta, já em São Paulo foi começar só no início dos anos oitenta. Diz ela que:

“É como se eu tivesse perdido dez anos, tudo que eu tentava fazer não dava certo porque não tinha eco sabe? As pessoas confundiam com aula de excepcional, com aula de música, com aula do sei do que, mas ninguém entendia o que era o raio da Musicoterapia que eu tava propondo, mas mesmo assim eu nunca, de oitenta e um, aliás, de setenta e tanto que eu tava lá no Rio, depois que eu vim pra cá casada em setenta e sete, até hoje eu nunca fiquei desempregada, - ‘tipo assim você nunca teve o que fazer? o que você tá fazendo agora?’ Eu sempre tive pelo menos um paciente pagante, eu nunca fiquei - ‘ai meu deus eu to desempregada’, - nunca, nunca, nunca, sempre tive alguma coisa dentro da área da

Musicoterapia que me dava dinheiro, não vou dizer que eu fiquei rica, mas eu nunca precisei e eu sou viúva e me mantenho com a Musicoterapia.”

A dinâmica da narrativa se modifica novamente e Lorena começa a falar sobre a carreira profissional e aprofundar sobre a questão do reconhecimento:

“O reconhecimento como profissão sempre foi sofrido e sempre foi tirado através da prática, ou seja, quando eu tentava entrar no hospital das clínicas, ou qualquer outro hospital. Diante de uma equipe médica, paramédica, que pedia pra eu apresentar um trabalho, eu apresentava esse trabalho teoricamente, eu me ferrava, porque por mais que eu falasse as coisas que eu sabia de Musicoterapia, as pessoas babavam e nem perguntas tinham, porque as pessoas babavam literalmente assim ‘hã’, eu comecei a entender que primeiro eu tinha que mostrar a prática daquilo, aí todo mundo [riso daqui a ali, puts grilo isso funciona!], era bem isso, mostrar que a prática funciona, que o paciente tem realmente uma abertura da percepção muito grande em pouco tempo e isso facilita muito tanto outras terapias, quanto a expressão desses sentimentos e tudo mais que vem depois para o paciente, para depois você teorizar em cima. Aí a coisa começou a ficar boa, ou seja, eu entendi que não adiantava eu ir para um evento e falar teoricamente através de slides através de coisas que que era aquilo, eu começava pela prática, aí eu comecei a ser entendida, isso não faz muito tempo, faz uns dez anos, até lá eu pastei, eu pastei, mas eu não desisti porque pra mim era muito prazeroso ver o resultado que os meus pacientes tinham, aquilo era quase tudo pra mim, era oitenta por cento, faltava os vinte que era o tal do reconhecimento. Eu me reconhecia... eu não tava muito importando se o médico, doutor cinco estrelas, me reconhecia... eu não tava me importando, agora quando eu mostrava pra ele a prática e ele dizia: ‘nossa isso funciona’, pra mim já era o bastante, claro que precisava mais, mas pra mim naquele momento era o bastante. [ela diz:] - ‘o senhor gostou do trabalho?’ - e [ele diz:] - ‘... eu quero que você continue’ - mas começava a não exigir mais que eu teorizasse a coisa, entendeu, em termos de metodologia, de teoria, porque eu volto aquela frase - ‘Você só entende Musicoterapia quando você vivencia em você mesmo senão você não é capaz de entender’ - agora como a teoria ainda é insípida perto das outras ciências né, não dá pra você provar entre aspas pela teoria através de argumentos que aquilo é totalmente válido, mas não importa eu fui indo, sabe quando você vai? Eu tive várias oportunidades de abandonar a Musicoterapia, porque, com o conhecimento do piano, com a capacidade que eu tinha desenvolvido lá no [nome da instituição] como escriturária, como secretária, eu fiz curso de estenotipia, que era uma caligrafia com uma máquina, curso e cursos que eu tinha feito ao longo da vida, eu poderia muito bem ter pendido pra um deles e ter entrado em alguma coisa...”

Conforme a narrativa se desenrola vai ficando claro que o sentido do reconhecimento para Lorena, se realizava na prática de sua atuação profissional e no resultado que ela obtinha nos tratamentos eram muito positivos. O primeiro reconhecimento para ela era o auto-reconhecimento que se confirmava positivamente nos resultados da prática de sua atuação, isso sim era o que determinava o sentido da profissão e a disposição em continuar nela. Logo o reconhecimento dos outros se torna importante possibilitando através de um retorno positivo e coletivo no meio profissional a confirmação de seu trabalho.

“Então pra mim o reconhecimento primeiro e é até hoje, eu me satisfaço quando eu vejo uma criança que eu atendo, um pai me telefona, só no escrever, um pai manda um e-mail e diz - ‘o Lorena ele tá outro, ele abriu a percepção ele olha pro mundo percebe a mãe do lado, coisa que não percebia, ele é capaz de apalpar uma coisa e fala cantando alguma coisa e depois do canto isso vira uma frase...’ - pra mim é isso entendeu, agora no meio científico e no meio acadêmico a gente continua sofrendo... porque as pessoas... porque ‘elas’ não passaram pela vivência e ‘elas’ se atém à teoria e como a gente não tem a teoria muito reconhecida por outras áreas ainda, a gente para no argumento... Tá desenvolvendo bastante, mas a gente perde entre aspas em argumentações diante de um bom Psicólogo, de um bom entende? Sociólogo, de um bom filósofo, a gente acaba, chega uma hora que a gente não tem uma resposta porque a área não chegou lá, por que a área como diz o Benenzon, é embrionária... enquanto as outras estão lá na maturidade, a gente tá na primeira infância, nós estamos buscando, mas isso não significa que você tenha que abandonar a coisa porque você desistiu, então eu nunca quis, nunca na minha vida passou pela cabeça ‘Lorena deixa de ser Musicoterapeuta, para com isso, vai fazer outra coisa’. Minha mãe vendia..., teve uma época que teve uma confecção, fazia malhas né, ela dizia: - ‘porque você podia me ajudar...’ - ganhou dinheiro pra caramba vendendo malha, eu olhava pra aquilo e falava ‘puts, mas o que eu ganho com isso, dinheiro?’ Não quero, não faço questão entendeu. Quando eu casei com um cara que me valorizava pra caramba, em setenta e sete, fui casada com ele até a morte dele que foi em [...], eu tive um respaldo dele maravilhoso, que ele dizia: - ‘eu quero te ver feliz, ponto... é a Musicoterapia que vale...’ - Ele ficava feliz se eu entrasse em casa contando que tinha ido bem em um congresso, ele ficava feliz quando um paciente meu não sei o que... ele vivia aquilo se entende? Então aquilo me dava uma força tão grande interior que era o bastante pra mim, depois que ele morreu eu já estava meia macaca-velha e segui em frente, não vou abandonar aquilo que eu amo fazer, que eu amo fazer Musicoterapia e estudar Musicoterapia eu também gosto, nessa parte toda teórica de ler os trabalhos, de ler livros... Eu fiz um livro agora, vai sair agora em Dezembro, Já tá lá na editora [nome] sobre [tema], mas assim, é uma coisa que tá dentro de mim.”

Falando sobre a experiência Musicoterapêutica que precisa ser vivenciada para que o indivíduo se torne Musicoterapeuta, podendo se constituir e se desenvolver de forma integral e interiorizar o sentido de ser Musicoterapeuta, surge a questão onde existe uma tendência grande de posicionamentos e definições em relação a uma identidade que apresenta uma singularidade muito grande, uma especificidade muito grande, mas que ao mesmo tempo é abrangente.

“Aí é que tá, a profissão não é específica ela é abrangente demais, a contradição tá aí, a dialética tá aí entendeu? Ao mesmo tempo que ela foca no sujeito, nos problemas de uma pessoa ou na prevenção de uma pessoa usando elementos sonoros-musicais pra isso, ela é ampla demais, porque ela serve pra quase tudo, entende? Então se o sujeito não puxa uma especificidade do aspecto humano, ele não consegue trabalhar com foco, ele começa a trabalhar com o geral o tempo inteiro, o que também traz benefício, mas que não é ideal para o mundo acadêmico, entende? Então a especificidade dentro da Musicoterapia que é extremamente abrangente, pode trabalhar com criança, com bebê, com gestante, com idoso, com maduro, com adolescente, se pode trabalhar com síndrome neurológica, com isso com aquilo, com a área psiquiátrica, com a área física... se pode trabalhar com quase tudo, é difícil alguém não poder ser encaminhado para a Musicoterapia, quer dizer, uma terapia que é tão abrangente acaba tendo que ser específica pra poder focar no mundo acadêmico, no mundo terapêutico, clínico.”

Lorena compreende que em uma dimensão de universalidade o Musicoterapeuta possui uma identidade coletiva, o papel do profissional é um papel coletivo, ou seja, existem características coletivas em comum, objetivos e funções em comum, relacionados à identidade do papel, mas ao mesmo tempo este papel é abrangente como formação, possui toda essa abertura e possibilidades de trabalho, apresenta uma interlocução com diversas áreas e várias formas de atuação.

Ela continua a narrativa contando sobre sua formação.

“Teve uma mudança né, ao longo desses anos, no início a formação do Musicoterapeuta era uma colcha de retalhos, então o que que a gente aprendia? A gente tinha um pouco de Psicologia, aí tinha dinâmica de grupo, Psicologia do desenvolvimento, Psicologia do excepcional e daí ia... personalidade, aí a gente tinha a área musical que a gente aprendia composição, aprendia isso aprendia aquilo tal, percepção musical e matérias da música, a gente tinha matérias sensibilizadoras que eram corporal, expressões artísticas, corporais e tudo e tinha a área que chama de científica, onde

entrava Psicologia e outras áreas científicas. Eram basicamente três, a científica com Psicologia, antropologia..., a artística com música, artes, corpo... e a sensibilizadora que era a vivência prática, sentir na pele. Só que era uma colcha de retalhos, você não via muito a ligação de uma coisa com a outra, mas você vivenciava, você entendia dentro de você mas não sabia explicar por que. Aí a Musicoterapia passou por uma outra fase na formação que ela começou a se tornar uma rede, foi quando começou a ficar bacana, porque a gente começava a perceber que uma coisa se conectava à outra. - 'Mas pra que que eu vou aprender expressão corporal, eu não vou fazer expressão corporal em uma sessão de Musicoterapia', - vai mas não como expressão corporal, mas você vai usar o corpo, então se você não vivencia o corpo e está diante de uma criança, de um adulto, de um idoso, que não é capaz de se expressar mas o corpo dele expressa e você for 'tacado', quer dizer se você for uma pessoa pra dentro que não sabe expandir o seu corpo, como é que você vai querer que ele se comunique com você, se você não vivenciou?"

Como a ordem do reconhecimento para Lorena está relacionada com a prática de sua atuação e com toda essa vivência musical diferente de uma musicista instrumentista ou de um educador musical, ela fala então sobre a profissão e a identidade do Musicoterapeuta, sobre o perfil do Profissional e o perfil da ciência.

"Você tem que ter em você o perfil de Musicoterapeuta, você tem que ter alguns aspectos que muitas pessoas ligadas a música não tem, eu cansei como coordenadora da [nome a instituição], eu cansei de receber na prova de seleção[...] pessoas que dominavam o instrumento musical e que eram incapazes de improvisar, incapazes e a improvisação é a técnica que mais se adequa ao Musicoterapeuta, se ele não conseguir improvisar, tchau, vai desenvolver e depois volta, por que assim você não é capaz, isso daí é potencial, tem que tirar de dentro essa capacidade de improvisação, por que exatamente tudo isso é parte do conteúdo dessas pessoas, esse conteúdo é simples, às vezes o sujeito vira pra você e não consegue falar, - 'hum hum' - faz esse som, o que se faz com esse som? Não precisa ser pianista pra fazer esse som, concorda? Se não precisa saber ler quinhentas mil partituras, improvisar em quinhentos mil tons, não!, basta você pegar esses sons do paciente e transformar isso em música, ou transformar isso em som em ritmo em corpo e fazer que ele se sinta feito através daquele som que ele emitiu, consciente daquele som que ele emitiu por acaso e você ajudou ele a tornar aquele som consciente, quando você chega pra ele, pega esse 'hum' e transforma em algo que faz sentido pra ele, pronto! ele tornou aquilo consciente aquilo teve um significado e daí pra frente você amplia esse significado, aí é que é gostoso se ver, porque nunca um trabalho é igual ao outro exatamente porque uma das coisas que a ciência antiga não aceita, a antiga tá, aquela ciência retrógrada,

aquela ciência cartesiana do positivismo que entendia que a ciência tem que ser algo replicado né, - 'aconteceu com um é ciência porque vai acontecer com mais mil, senão não é ciência' - na Musicoterapia isso nunca vai acontecer, se quiser dizer que não é ciência, então não é, mas se você tiver dentro da análise de uma ciência antiga, uma ciência daquela época, de Descartes e etc., a ciência de hoje em dia que é uma ciência transdisciplinar que tem uma diversidade, uma aceitação de várias coisas que formam uma verdadeira rede como é o ser humano, passa entender a Musicoterapia com algo que contribui, que beneficia esse ser humano no seu todo, no seu global, entende? Holisticamente beneficia, agora, você não pode entender a ciência como algo fechado.”

Percebe-se o quanto uma identidade coletiva de um determinado papel coletivo, como na profissão do Musicoterapeuta, precisa de um ator com um perfil específico, estabelecendo em um processo de legitimação a normatividade social de atuação daquele grupo.

Isto nos leva a pensar nos conceitos de políticas de identidade onde no caso de Lorena acontece um movimento ainda desconhecido e de certa forma inédito por ela ser pioneira nesse meio profissional, produzindo através do sentido que o reconhecimento vai se estabelecendo em sua identidade individual, formas e procedimentos de condutas e ações que geram padrões de um papel coletivo e criam políticas de identidade de um grupo através de suas próprias experiências.

“Estão estigmatizando uma profissão que quer sair do forno, mas não deixam, entendeu? Não deixam porque ela tem que se constituir, ela tem que se estabilizar, ela tem que ter um corpo teórico mais consistente, mas você não dá o fogo para aquela torta crescer, caramba, tem que dar o forno, tem que molhar o bico, tem que esperar anos pra que se constitua uma ciência. Agora nossa luta neste momento é: nós somos diferentes da prática do educador musical, nós somos diferentes na prática do musicista, nós somos diferentes na prática do recreacionista musical tá! Nós não somos nem mais nem menos, nós somos uma ramificação que se preocupa que se interessa em entender o cérebro, o comportamento diante dos estímulos sonoros musicais, essa é a nossa preocupação, ou, seja, nós queremos estudar porque você se emocionou com tal música. O educador musical não quer saber por que você se emocionou, então esse é o nosso objeto de estudo, é entender a música interna desse ser humano e é difícil explicar isso pra quem não vivencia, - 'mas como assim? Que teoria que é? Mas qual é o método?' - Tem milhões de métodos basta você comprar um livro do Bruscia que você vai ver quinhentos mil métodos.”

A identidade individual sempre está relacionada à identidade coletiva, pois toda identidade é social e todo ser humano é um ser que vive em sociedade, assim ao falar sobre a profissão discorrendo sobre sua história, suas experiências e vivências pessoais, Lorena fala em alguns momentos em primeira pessoa do plural, como quando relata: “nós somos diferentes...”, evidenciando a influência de sua experiência pessoal no perfil desse coletivo e tornando essa relação de reciprocidade entre coletivo e individual legítima ao inserir o seu discurso no plural, ou seja, ao falar pelo coletivo ela fala sobre políticas de identidade do Musicoterapeuta através de sua própria experiência.

Também relata seu movimento de lutar pela identidade coletiva da profissão através de sua experiência individual e precursora em um contexto inédito de uma profissão nova.

“Eu não quero mais demonstrar nada, há vinte anos atrás eu tinha preocupação em demonstrar, - ‘eu vou provar que a Musicoterapia é benéfica, é eficaz’, - hoje eu não quero saber de provar porcaria nenhuma, não interessa provar, tá mais do que provado que a música interfere tanto positivamente como negativamente no organismo do ser humano, na mente dele na emoção dele entendeu? Tá mais do que provado, só uma pessoa inculta é capaz de dizer - ‘hã, pra mim isso não existe’, - você nunca se emocionou diante de uma música na vida? Ou nunca viu ninguém ter uma reação corporal diante de uma batida e ficar com o pezinho assim [movimenta o pé], você nunca viu isso na vida, impossível, não, você não prestou a atenção, ou seja, o efeito orgânico, emocional, mental, espiritual sobre essa pessoa, sobre todas as pessoas, existe, isso tá mais do que provado, agora o que a gente faz com isso é que tem que ter mais estudo.”

O reconhecimento profissional da identidade se dá em dois aspectos, o primeiro pode ser relacionada à estima e ao personagem, gira em torno do indivíduo (identidade individual) e o segundo pode ser relacionado ao reconhecimento jurídico, o qual gira em torno do coletivo, do papel, da atuação que ele exerce como profissional, (identidade coletiva).

“... O nosso trunfo vamos dizer assim, é a gente levar o estudo de um caso, por exemplo, gravado, filmado, pra eles acreditarem que isso aconteceu, por exemplo, em uma primeira sessão e em uma última depois de quarenta sessões, isso daí é o que mais chama a atenção dos doutores na academia por que eles veem o cara

babando - 'hãm' - não é capaz de falar uma palavra, não é capaz de ter uma reação, não tomou uma iniciativa, tem o olhar alheio, uma série de comprometimentos comunicativos e você começa trabalhar com técnicas musicoterápicas a partir daquilo que ele te traz, depois você teoriza aquilo, mas você começa trabalhando prática né, sentindo o paciente e trabalhando, depois de quarenta sessões você mostra o paciente, entrando na sessão, vestido de forma diferente, te cumprimentando, tendo iniciativa, tendo critério de escolha, -'não gosto desse som' - ou então - 'entra aqui comigo' - ou então ele não fala nada e a gente faz música junto e essa pessoa sai bem melhor, até a face, até o físico dessa pessoa muda, porque o corpo conta, reflete aquilo que ele tá sentindo por dentro."

É muito interessante ver como Lorena fala da Musicoterapia e da profissão, demonstrando um sentimento intenso e único nesta relação especial que ela possui com a música desde pequena.

Ao tentarmos compreender como ela foi interagindo e se identificando com a música e o sentido que a música tinha para ela, vemos como sua relação com a música se desenvolveu de forma diferente de uma musicista ou educadora musical, evidenciando aspectos nessa relação que desde cedo apresentava conexões com a forma que ela utiliza a música em sua atuação como Musicoterapeuta. Mantendo a característica dessa relação mesmo passando pelas metamorfoses dos personagens.

"Desde o começo eu me identifiquei com essa forma, desde o momento que eu me lembro que teve uma vez quando eu fui apresentar uma música no teatro [nome], eu devia ter uns doze anos, eu me lembro que eu era pequenininha e o papai me fez um banquinho pra eu colocar meus pés porque meus pés ficavam balançando no piano de tão pequena que eu era e eu fui no teatro apresentar uma composição minha e nesse dia quando eu apresentei, que eu levantava do piano e agradecia no teatro eu percebi que as pessoas se emocionavam e aquilo me chamou a atenção - 'nossa tem gente chorando por causa da composição, imagina' - aquilo ficou na minha cabeça, onze, doze anos eu devia ter a partir de lá eu falei assim, - 'nossa, poxa vida eu nunca prestei atenção nisso, hoje eu prestei atenção, imagina quantas pessoas são capazes de ter algum benefício com isso né, eu gostaria de usar essa minha música' [claro que não tinha essa consciência que eu tô falando agora,] eu gostaria de usar essa música, esse meu piano por exemplo em benefício de alguém, de um grupo de pessoas."

É notável o quanto importante foi a relação que teve com sua professora de piano nessa formação diferenciada, Lorena relata que sua professora foi fundamental em sua constituição como pessoa e como profissional.

“Ela me punha em concursos, eu ganhei, eu tenho um monte de estatuetas de concurso e eu me lembro que nesse [falando de um concurso específico] eu não tava preparada pra concurso emocionalmente, eu tava passando por uma fase ruim, quatorze, quinze anos, eu tava mal e tal, eu me lembro que ela por várias vezes ela dizia: - ‘mas o que que importa você ganhar mais um troféu, o que importa é que você estar bem...’ - minha mãe ficava louca, louca...”

“Quando eu fui pro Rio de Janeiro que ela me telefonou ela falou assim: - ‘encontrei o teu curso, é esse teu curso’, - eu falei puts! Agora sim eu vou, sabe, eu vou usar a música pra entender as pessoas, é isso que eu quero, eu não quero tocar piano [trantrantran], sabe Nelson Freire... então essa coisa egoísta que torna o sujeito egoísta, ele vezes o piano que é um objeto, ele interioriza aquele objeto, ele enfia aquele objeto dentro da alma dele e o resto do mundo não importa, ou seja, como ele não vive sem ser em sociedade ele também se sente infeliz...”

Ao voltar a falar de sua família em uma de suas transições, Lorena menciona que tem um irmão mais velho e que na época que moravam na casa dos pais a relação familiar e o ambiente da casa eram de certa forma ruim, com exceção do pai. Relata que as coisas mudaram bastante quando ela casou e que a relação que Lorena tinha com o pai e o com o marido eram muito boas, pois eram eles quem apoiavam e davam suporte à escolha da profissão e a carreira dela, sendo os primeiros que possibilitaram o reconhecimento de sua identidade profissional. Nesta época ela trabalhava como Musicoterapeuta e educadora musical.

“Como professora no [nome da instituição] eu ganhava uma nota, eles pagam bem demais né, eu fui professora dezessete anos de lá, até o dia que cheguei pro [nome do marido] e disse: - [nome] eu não aguento mais ser educadora musical aquilo não... eu faço sete vezes a mesma coisa por dia, eu sou criativa eu quero criar... eu não aguento mais isso’, - [ele responde] - ‘sai, pede demissão eu te dou o maior apoio’ - a família foi toda contra, - ‘Lorena louca, desvairada, ganhando bem pra caramba... tá se demitindo de uma coisa que todo mundo quer pegar porque ganha bem, porque paga bem’ - eu disse - ‘eu quero assumir a Musicoterapia integralmente’ - não ganhava

nada, mas pelo menos um paciente eu tinha, então eu sai do [nome da instituição] e assim a vida é engraçada né? e cobra da gente, eu sai no dia oito de dezembro, no dia quinze veio o diagnóstico dele do [nome do marido], já um diagnóstico filho da mãe... aí eu estava desempregada. Mas eu tinha oferecido pra várias faculdades o projeto de abertura de curso de Musicoterapia, isso quatro, cinco anos antes. Passaram-se sete meses e eu lá numa misereba danada porque meus filhos não podiam trabalhar na época né, isso foi em [...], quando chegou em junho do ano seguinte eu perdi o [nome do marido] e perdi meu pai né junto, tava defendendo o mestrado, tava no final do mestrado, perdi os dois ao mesmo tempo em questão de meses assim um com o outro, que eram meus dois amores, as duas pessoas que sempre me apoiaram em tudo, me ajudaram, aí em junho a [nome da instituição] me liga, - 'a professora a gente que abrir um curso, nós estamos precisando abrir curso, a senhora ainda tem interesse?' eu imaginava um curso de extensão uma coisa assim, - 'a eu tenho sim' - 'é pois é nós gostaríamos de conversar com a senhora, a senhora não pode vir conversar aqui conosco?'... - sabe quando você nem lembra que projeto era esse, eu nem lembrava e era uma graduação e eu cai de costas, ai quando eu cheguei, isso foi em junho de [...], no ano seguinte eu tava com a primeira turma."

"Eu nunca sentei, deitei em berço expandido entendeu? Muita gente fala - 'a porque eu não consigo emprego, a porque eu me formei e não tem lugar pra atuar, a porque isso e aquilo' - eu nunca me deixei sabe..., eu ia em tudo o que era relacionado a Musicoterapia, eu ia em tudo, era evento, era congresso, era viagem, era show, tudo que você puder imaginar na vida, pintava a Musicoterapia lá ia eu, aí eu fui presidente da [nome da instituição], fui escolhida pra ser presidente da [nome da instituição] fui presidente dez anos, ninguém queria ser presidente, mas foi como presidente da [nome da instituição] que eu ganhei nome."

Esse foi o auge do seu reconhecimento profissional pensando no aspecto da carreira, sendo que o sentido do reconhecimento demonstrado por ela nunca havia sido ganhar um determinado status, ou ocupar uma posição individual que possui um significado social, como a 'glória de um primeiro lugar no pódio', mas sim o valor dos resultados positivos que os pacientes apresentavam comprovando o potencial e a eficiência dessa atuação profissional.

Como uma profissional que se encontrou em sua carreira, se identificando de maneira integral com a Musicoterapia, antes mesmo de descobri-la como profissão, Lorena aponta aspectos que são parte de sua personalidade e o apoio recebido que foram fundamentais para seu reconhecimento e para a suas transformações em busca de emancipação.

“Da minha prática e da minha persistência, primeiro eu nunca deixei de atuar e segundo eu nunca me abati assim, - ‘vou deixar de ser Musicoterapeuta porque isso aqui é uma porcaria’ - nunca entendeu? Quando eu sentia que a coisa tava minguando, que eu estava perdendo terreno, eu ligava pra alguém, eu ia na casa de alguém, - ‘como é que eu conheci a [nome da instituição]?’ - era uma palestra no centro da cidade com a [nome da pessoa] que tava querendo fundar a [nome da instituição] e ao mesmo tempo tinha tido um congresso internacional na [nome de outra instituição] que me chamaram pra ajudar, eu ia e fazia qualquer coisa que você me pedisse dentro da área de Musicoterapia, eu não perguntava se ia ganhar, eu não perguntava se ia me pagar, não perguntava quanto ia ganhar, eu não perguntava quanto tempo ia dispor, eu ia, eu ia e fazia entendeu? Então eu acho que esse mérito eu tenho porque é uma coisa tão prazerosa pra mim e com apoio obvio, porque se eu não tivesse o apoio de ninguém eu acho que teria desistido, mas como o apoio era muito grande e era real era verdadeiro sabe, era um apoio que vinha de verdade, aquilo me dava força entende? Mas assim é sofrido, até hoje é sofrido, o Musicoterapeuta ele tem que ser persistente, ele tem que dar a cara, ele tem que parar com essa história de que vai ganhar pouco ou não vai ganhar pouco, ele tem que se meter, eu nem te falo quanto eu ganho no [nome da instituição], é uma miséria o que eu ganho no [nome da instituição] e eu preciso disso agora com 62 anos de idade, não, mas eu tô.”

Como a nossa história de vida também se relaciona com nossos projetos futuros, Lorena apresenta um desfecho na sua história falando sobre seus planos e pensamentos em relação ao que quer vivenciar deste momento em diante.

“... Eu sempre tive um projeto na vida, conforme eu tô alcançando eu já penso em outro, sempre fui assim, o meu projeto atual é, [atual que eu falo é de três anos pra cá], eu quero que a Musicoterapia no estado de São Paulo funcione como profissão, porque no Rio já funciona, no Paraná também, em Goiás também... independente eu quero que a Musicoterapia no estado de São Paulo funcione, seja uma profissão.”

Ao finalizar a narrativa Lorena deixa claro que não parou por aqui, mesmo aposentada e com uma carreira consagrada ela ainda trabalha com a Musicoterapia e faz seu doutorado com este tema. Percebe-se o amor pela profissão e o sentimento de prazer que ela possui em sua identidade profissional, assim o sentido do reconhecimento se dá pela atuação e pelo uso da música terapeuticamente,

que proporcionaram resultados positivos do trabalho com avanços dos pacientes, sendo identificado e legitimado socialmente o reconhecimento de sua personagem profissional através de sua competência, eficiência, capacidade e determinação. Conseqüentemente, pelo fato de ser precursora possibilitou o avanço do reconhecimento do papel profissional da Musicoterapia.

O principal aspecto a ser aprofundado nesta pesquisa sobre a identidade está na compreensão do reconhecimento da identidade individual em relação à identidade coletiva, ao analisarmos a narrativa da história de Lorena primamos por um maior interesse nesta relação entre seu personagem profissional (identidade individual) e seu papel profissional (Identidade coletiva). Contudo nos atentamos também para alguns dos personagens de Lorena, considerando as relações que possuem com a identidade profissional objetiva ou subjetivamente.

Ao olhar para a personagem menina/adolescente percebemos que as metamorfoses em busca de uma emancipação estão diretamente relacionadas com o sentido e com a relação que a música apresentava pra ela, desta forma suas transformações da identidade pessoal vão ocorrendo através da música.

Essa identificação com a música é enorme e vai progredindo conforme Lorena vai se constituindo, sendo que a maioria de suas personagens até sua fase jovem começam a se enraizar na questão da música como metamorfose em sua identidade.

Ao nascer do personagem de sua identidade profissional como Musicoterapeuta, nasce também um alicerce na criação da identidade coletiva desta profissão, tornando-se pioneira da Musicoterapia e influenciando na criação das políticas de identidade do Musicoterapeuta.

Quando se identifica com a profissão e se auto reconhece como tal, Lorena passa a aprofundar a sua relação com a música e com a Musicoterapia, além de sua experiência teórica nos estudos ela passa a buscar o reconhecimento pela prática de seu personagem profissional e conseqüentemente possibilita o mesmo no papel de sua profissão, estabelecendo uma relação recíproca de reconhecimento e emancipação. Ao decorrer do tempo ela percebe que o reconhecimento primeiro era o auto- reconhecimento como Musicoterapeuta que através de seu próprio reconhecimento devido o retorno positivo de seu trabalho e atuação profissional é que se inicia o reconhecimento de outros.

Em sua personagem, mulher casada e trabalhadora, as transformações de Lorena implicam em uma identidade pessoal que conseguiu autonomia e crescimento

ao casar e sair de casa, mudando de vida e de cidade, porém mantendo uma forte relação com seu personagem do papel coletivo, proporcionando mudanças que buscam a emancipação da identidade pessoal através da profissão.

Certamente as metamorfoses dos personagens da identidade pessoal que foram importantes para a identidade profissional estão ligados com a música e a busca do reconhecimento não como musicista mas como Musicoterapeuta. Com isso, é evidente que por ser pioneira na profissão e no desenvolvimento da identidade profissional do coletivo da Musicoterapia, compreende-se que através de sua experiência individual, além de Lorena contribuir para o desenvolvimento da política de identidade desse grupo ela contribuiu para a história de uma profissão e seu reconhecimento social a despeito de sua própria história e conquista do reconhecimento de sua identidade profissional.

Considerações Finais

Com objetivo de compreender o sentido do reconhecimento na identidade profissional do Musicoterapeuta, o maior interesse ocorreu em explorar esta relação: entre o desenvolvimento de uma identidade individual (eu), conjunta ao desenvolvimento da identidade coletiva (papel), ou seja, investigar e explorar aspectos da identidade individual e seus personagens, em relação aos aspectos de um papel exercido coletivamente.

A identidade do Musicoterapeuta nunca antes foi estudada através dos pressupostos do sintagma, teoria da identidade-metamorfose-emancipação Ciampa (2007). Na pesquisa de dissertação utilizamos a perspectiva da Psicologia Social para compreender o Musicoterapeuta sua identidade e seu reconhecimento. Ao propormos estudar a identidade do Musicoterapeuta pela perspectiva da Psicologia, nunca pensamos que seria um trabalho em termos inéditos e inovador. Com uma carreira não muito nova em termos de idade, mas nova em termos de popularidade, a Musicoterapia que ainda é desconhecida por muitos é o tema que circunda o objeto de pesquisa: a identidade do seu profissional.

Assim, ao analisarmos a história de vida narrada pelo sujeito ator, que no momento em que narra se torna o autor, podemos compreender que a relação que o Musicoterapeuta tem com a música é muito diferente da relação que um músico ou um educador musical possuem, ou de qualquer outra profissão que envolva a música. Essa relação que o Musicoterapeuta possui só pode ser entendida ao

ser vivenciada, isso não é exclusividade do Musicoterapeuta, mas a identidade deste profissional está ligada diretamente à sua atuação e possui a relação de reconhecimento com maior intensidade através da prática e posteriormente no seguimento teórico.

Sabemos que existem outras formas de apropriação além da vivência e a experiência pode ser transmitida e comunicada quando não for vivenciada, mas para o Musicoterapeuta o sentido de ser reconhecido como Musicoterapeuta ocorre realmente quando ele atua como tal e passa a vivenciar essa prática. Ser Musicoterapeuta é algo muito específico, próprio e singular, proporcionando a maior dimensão do reconhecimento nessa identidade, estando vinculada a vivência prática da profissão.

O movimento de buscar reconhecimento através de uma regulamentação da profissão se torna menos importante quando, o Musicoterapeuta toma por perspectiva a concepção do reconhecimento de sua profissão e conseqüentemente de sua identidade, ocorre socialmente e publicamente através do valor positivo atribuído no feedback dos pacientes e da atuação prática, abrindo outros campos de reconhecimento externo dado à comprovação da eficiência no campo prático e não necessariamente pela regulação estatal. Visto também a diferença entre legitimação e regulamentação, o reconhecimento está mais ligado à instância legitimadora e não necessariamente a reguladora, ou seja, o reconhecimento é atribuído segundo a legitimidade do retorno social positivo.

Analisamos também de acordo com a narrativa e com o levantamento de literatura da dissertação completa que o movimento de provar ou atribuir o status de ciência à área da Musicoterapia se torna menos importante para o profissional. Dizer que Musicoterapia é ciência ou não, se torna uma questão de menos interesse e irrelevante a se discutir no caso desta pesquisa. Percebe-se na narrativa as diferentes concepções de ciência e que dentro de um padrão convencional e mais antigo como cartesianismo/positivismo o profissional pode encontrar barreiras ao lutar pelo reconhecimento científico, também visto que é uma área nova e ainda 'pequena', gerando assim um outro tema de discussão sobre ciência transdisciplinar. Além do fato que dentro do contexto histórico o reconhecimento acadêmico existe através de muitos cursos que estão aprovados pelo MEC e periódicos como a Revista Brasileira de Musicoterapia ligada a UBAM (União Brasileira das Associações de Musicoterapia). O importante é discutir a profissão como uma dimensão do indivíduo e não seu status científico isolado,

Os processos de metamorfose de personagens que buscam a emancipação do indivíduo profissional ocorrem de forma sutil, são mantidos muitos aspectos de relacionamento com a música que são vivenciados desde a infância de Lorena,

possibilitando uma metamorfose que busca uma emancipação profissional ainda desconhecida no sentido de atuar/exercer a profissão, mas já reconhecida pelo próprio sujeito como parte de sua identidade, ou seja, os processos de transformação se constroem no sentido da busca por uma profissão ou atuação profissional que ainda não existia concretamente em sua realidade mas que em sua essência já havia sido experimentada.

Compreendemos que o sentido do reconhecimento ocorre na atuação de seu exercício profissional, ou seja, na prática e no retorno positivo. Primeiramente confirmado pelos avanços e evoluções dos pacientes, provando a eficácia da Musicoterapia e a eficiência pessoal e individual de seu trabalho, possibilitando posteriormente a confirmação desse reconhecimento de sua identidade profissional, a despeito da identidade coletiva do papel.

REFERÊNCIAS

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.